



KLAXON.

terra roxa

e outras terras

CECILIA DE LARA

**INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

O “internacionalismo” ao qual *Klaxon* aspira, aparece no título, colaboradores e conteúdo e se manifesta desde o aspecto gráfico até o uso de quatro línguas, nas criações e ensaios de autores estrangeiros e brasileiros. Quanto ao conteúdo, as mais variadas posições, nas diversas artes, são trazidas às suas páginas e acatadas como subsídio para a renovação da arte brasileira.

Não toma partido ao lado de nenhuma manifestação específica de arte de vanguarda, afirmando uma posição paralela a todos os que se aliam dentro do espírito moderno internacional. Só afirma posição contrária ao Manifesto Futurista, com a ressalva de alguns itens. Nota-se que os klaxistas tentam, a todo custo, libertar-se da ideia de provável ligação com Marinetti: 22 é data de ascensão ao poder de Mussolini. E àquela altura o futurismo não só era arte oficial, na Itália, como se transformara em partido político. Suas ideias são acatadas como sustentáculo do Fascismo. Isto por si explica a necessidade de tomar posição clara, já no próprio manifesto de *Klaxon*, para evitar equívocos. Mas, entendendo-se o Futurismo como um movimento mais amplo, com matizes, como as posições de Soffici, Papini e outros, na Itália, e as demais derivações europeias, com suas contribuições locais, francesas, russas, espanholas, portuguesas, já que não fica tão clara a total distinção que Mário quer estabelecer com aquele movimento.

Uma pista que oferece campo à investigação nesta linha é o exame das publicações estrangeiras que aparecem continuamente no noticiário de *Klaxon*, com nomes de colaboradores e colaborações. Possivelmente o exame destas publicações permita estabelecer filiações ou relações internacionais mais fundamentadas com as várias tendências de vanguarda. No noticiário a mais citada é *Lumière*, revista belga, na qual colaboram klaxistas como Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida. Entre os estrangeiros: Roger Avermaete, Charles Baudouin, Ivan Goll, Vildrac, Marcel Millet, Bob Claessens (abril-maio). No número de junho-julho, consagrado à Rússia, há colaborações de René Arcos, R. Avermaete, Balzazete, Jean Richerd Block, Georges Chennebière, Bob Claessens, Duhamel, Maiakovski, M. Milliet, Tolstoi inédito, Vildrac, Zweig etc., em setembro e outubro colaboraram: Block, Avermaete, Milliet. De novembro e dezembro o número de

Lumière traz colaborações de Avermaete, Albert Lapage, Guilherme de Almeida, Serge Milliet.

Alongamo-nos nesta referência a *Lumière* por ser a revista europeia que mantém um real intercâmbio com *Klaxon*, conforme demonstra o exame dos nomes dos colaboradores de ambas. Também mensalmente *Klaxon* cita *La Nouvelle Revue Française*, com os colaboradores de cada número. Mais raramente registram-se publicações que não recebem com regularidade como *Fanfare*, revista inglesa, para a qual escrevem um esclarecimento: “Um aviso: Guilherme de Almeida é brasileiro, senhor redator, e não português”.

Também francesa é a revista *La Créée*, de Marselha; de Madrid recebem um número de *Cosmópolis*, na qual colabora Guilherme de Torre. Registram, ainda, da França: *La Vie des lettres* e *Les Nouvelles Littéraires*.

Estas revistas dão mais um traço do internacionalismo que *Klaxon* aspira, pois o contato com as publicações europeias permitia abreviar a distância entre o Brasil e as mais recentes realizações e pesquisas da arte universal, no momento de elaboração.

***Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo*, Cecília de Lara, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972, pp. 212-214.**